

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann


fascículo nº 28



Nenhum de Nós
Papas da Língua



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/ 1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Frões, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Nenhum de Nós

O rock dos grupos nacionais já tinha conquistado definitivamente o público brasileiro quando o Rio Grande do Sul apresentou mais um integrante para este time. Foi pelo meio de 1988 que *Camila, Camila* virou *hit* e transformou o "Nenhum de Nós" em uma das referências musicais daquela década. A banda, formada dois anos antes por Thedy Corrêa, Carlos Stein e Sady Homrich, chamou a atenção dos críticos pela mistura competente dos ritmos tradicionais do Rio Grande do Sul com o pop rock do resto do país. *Camila, Camila* carregava um tanto da melancolia creditada ao sul do país, uma marca que foi reforçada com a entrada no grupo, nos anos seguintes, de Veco Marques e do acordeonista João Vicenti.

Apesar dos altos e baixos da década de 90, incluindo várias trocas de gravadoras e discos que não receberam a atenção e divulgação merecidas, o "Nenhum de Nós" conseguiu manter sua proposta inicial e conquistar novos fãs, um item fundamental para a carreira de todos os "velhos" representantes da cena roqueira nacional. Sem sair do Rio Grande do Sul e atraindo para si a continuidade do trabalho de grupos como "Almôndegas" e "Saracura", o "Nenhum de Nós" continua levantando a bandeira da originalidade e garantiu o espaço para este "rock com sotaque gaúcho". Provavelmente, teria sido mais viável, pelo menos comercialmente, depois de todos os problemas que enfrentaram para o quinteto enveredar pela linha básica do pop rock adotada por várias bandas. Mas, felizmente, os últimos anos da década de 90 provaram que há espaço para as diferenças e que os regionalismos, quando bem defendidos, são uma boa opção para a mesmice de todas as padronizações impostas ao público.



Cronologia Biográfica: Nenhum de Nós

1986 - O rock brasileiro, em plena ascensão, leva milhares de jovens brasileiros às garagens e aos pequenos estúdios de ensaio. Não foi diferente com Carlos Stein, Thedy Corrêa e Sady Homrich. Os dois primeiros já haviam experimentado alguma coisa de folk juntos, e Carlos foi um dos fundadores do "Engenheiros do Hawaii", com quem tocou nos dois primeiros shows. Chamaram Sady, até então tocador de surdo e cavaquinho, para, praticamente, aprenderem juntos.

1987 - Depois de algumas tentativas razoáveis, conseguem um contrato para abertura do show do "DeFalla", em Imbé. Chegaram atrasados e acabaram tocando depois da atração principal. Essa casualidade fez com que o empresário Tonho Meira ficasse para assistir a eles, já que o equipamento era o mesmo. Tonho gostou e pediu uma fita *demo* que foi parar na RCA. Logo vem o convite para o LP, e a canção *Camila, Camila* emplaca em rádios do RS, Minas Gerais, SP e Rio.

1988 - A RCA acredita e começa a produzir o segundo LP. Enquanto o disco está sendo gravado, *Camila, Camila* estoura nacionalmente, tornando-se a música mais tocada do verão 88/89.

1989 - Em maio, sai o LP *Cardume*. A vendagem atinge 210.000 cópias e destacam-se as canções *Eu Caminhava*, *Fuga* (com participação especial de Renato Borghetti) e *Astronauta de Mármore* (repetindo o feito de *Camila...* no ano anterior). Fazem turnê nacional por nove meses, realizando 190 shows. Gravam em Buenos Aires três versões em espanhol, com produção e participação de Fito Paez.

1990 - Lançado o novo disco, *Extraño*, com participação de Veco Marques (co-autor em várias composições) e do acordeonista Luiz Carlos Borges (em cinco faixas). Destacam-se a canção título, *Das Coisas que Eu Entendo e Sobre o Tempo*, incluída na trilha da novela *Barriga de Aluguel*, da TV Globo.

1991 - A banda apresenta-se no Rock in Rio II, no Maracanã. É o seu maior público em show e marca a



Sessão de autógrafos "Metamorfose Tour", em 2001

entrada do acordeonista João Vicenti como convidado.

Participam de disco coletânea em homenagem a Raul Seixas, gravando *Tente outra Vez*.

1992 - Sai o quarto disco, *Nenhum de Nós*, com destaque para as canções *Ao meu redor*, *Jornais e Sangue Latino* (versão de antigo sucesso de "Secos & Molhados"). Lançam o vídeo-clip de *Ao meu redor* (em que dividem a direção com Valério Azevedo). Por votação do público, o clip é eleito o melhor do Brasil na temporada, e o grupo vai a Los Angeles representando o Brasil no MTV Video Music Award's - 92.

1993 - É rescindido o contrato com a BMG (antiga RCA). Entre os shows da turnê do disco anterior, iniciam novo projeto e a composição de um outro disco.

1994 - Em Porto Alegre, gravam ao vivo no Theatro São Pedro o show "Nenhum de Nós Acústico" do qual produzem disco *unplugged*, sendo este o primeiro disco de uma banda brasileira neste formato.

A gravadora Polygram não dá o tratamento que os autores esperavam, provocando a saída da banda da gravadora. Apesar dos contratemplos, a canção *Diga a Ela*, que puxava o disco, vira clip e fica novamente em primeiro lugar na MTV.

1995 - Enquanto prosseguem a turnê nacional do "Acústico", a BMG lança uma coletânea dos quatro primeiros discos para a sua série *Acervo*.

1996 - Pela gravadora Velas, sai o disco *Mundo Diabólico*, uma produção ambiciosa com várias novidades. Edgard Scandurra (que também toca e canta) e Herbert Vianna assinam faixas, além das participações de Flávio Venturini e Fito Paez. Este trabalho marca também a integração definitiva de João Vicenti ao "Nenhum de Nós". Destaca-se nas rádios a canção *Vou Deixar que Você se Vá*, com parceria e participação em guitarra e vocais de Scandurra.

1997 - Dois grandes shows marcam o início do ano: o Kaiser Summertime Festival, em SP e o Planeta Atlântida (RS).

Em março, o clip de *Vou deixar...* chega ao 1º lugar no Disk MTV. Em julho, comemoram dez anos de estrada no Theatro São Pedro (POA), com lotação esgotada em quatro shows.

1998 - Sai pela Paradoxx o CD *Paz e Amor*. Tocam novamente no Planeta Atlântida, onde, pela segunda vez, são qualificados entre os melhores shows do evento. Repetem com sucesso as apresentações acústicas no Theatro São Pedro.



Raul Krebs

Show Paz e Amor, em 1998.

2000 - O grupo havia gravado uma matriz não aproveitada em 1993, que é lançada em CD pela ACIT sob o título *Onde Você Estava em 93?*.

2001 - Pela Sony Music, sai o CD *Histórias Reais, Seres Imaginários*, com participação de Herbert Vianna na guitarra, gravada duas semanas antes do trágico acidente de avião que vitimou sua esposa. O "Nenhum de Nós" chega ao final do século ostentando mais de um milhão de cópias vendidas entre discos de carreira e coletâneas, colocando-se entre os cinco maiores vendedores da história do Rio Grande do Sul, até então.

Thedy Corrêa - Nasceu em Porto Alegre no dia 26 de julho de 1963. Cantor, compositor e baixista. Teve com seu avô, Camilo Rostand, o primeiro contato com música. Sua irmã mais velha apresentou-lhe os "Beatles" e a Jovem Guarda. Em 1977, ganhou seu primeiro violão e passou a ter aulas. É fã de histórias em quadrinhos e cita, entre suas influências musicais, "U2", "Beatles" e o rock inglês.



Show nº 500 na Usina do Gasômetro, em 1977.

Carlos Stein - Nasceu no dia 14 de março de 1963, em Porto Alegre. Toca guitarra e violão. Começou aprendendo violão aos nove anos de idade. A primeira guitarra só chegaria aos quinze. cursou a faculdade de Arquitetura (não concluída). Participou do primeiro show do "Engenheiros do Hawaii" e, portanto, da criação da famosa banda. Aponta, entre suas principais referências, o som de Johnny Marr ("The Smiths"), Noel Gallagher ("Oasis"), Craig Ross (Lenny Kravitz), Jimmy Page ("Led Zepelin"), "U2" e "Rolling Stones", entre outras.

Sady Homrich - Nasceu em Porto Alegre, no dia 18 de abril de 1964. Toca bateria e percussão. Conheceu Thedy e Carlos ainda na escola. Começou tocando cavaquinho em um grupo de samba na Faculdade de Engenharia Química. Trocou o instrumento pela bateria para formar o "Nenhum de Nós" com os amigos. O seu som, além do samba, tem influências de rock progressivo, do rock nacional dos anos 80 (de "Replicantes" à "Legião

Urbana") e do rock internacional dos anos 90.

Veco Marques - Nasceu em Santa Cruz do Sul, a 14 de janeiro de 1964. Toca guitarra, violão e bandolim. Aos dez anos de idade, começou a tocar no violão da irmã. Passou a integrar o grupo desde o terceiro disco (1990), apesar de já participar de algumas apresentações ao vivo desde 89. Aponta, entre suas influências musicais, Steve Hove, do "Yes".

João Vicenti - Nasceu em São Gabriel (RS), a 11 de agosto de 1965. Toca piano, acordeom, bombo leguero, teclados e faz vocais. Iniciou os estudos musicais aos sete anos de idade no Conservatório de Música de São Gabriel. Participa do "Nenhum de Nós" como convidado desde 1991, mas passa a integrar a banda definitivamente a partir do disco *Mundo Diablo*, de 1996. Suas referências musicais citadas são Astor Piazzola, "Aerosmith", "The Doors", "Yes", "Metallica", "Deep Purple" e "Black Crowes".



Entrevista com Thedy Corrêa

4 de outubro de 2001

" O rock brasileiro, quando surgiu, retomou um espaço que a MPB não estava conseguindo nas rádios. As programações eram amplamente estrangeiras, principalmente norte-americanas, e, com a ascensão de bandas, como 'Paralamas', 'Barão Vermelho' e 'Blitz', a música produzida no Brasil voltou a predominar no rádio. Logo no começo, essa música era mesmo de um caráter 'estrangeiro', mas a partir do disco Selvagem, do 'Paralamas', começou a se voltar para uma linguagem brasileira e, depois, para os elementos regionais.

A contribuição do rock para a música brasileira foi importantíssima. Nos anos 60, houve a famosa 'passeata contra a guitarra' (integrada por nomes importantes da MPB), e hoje ficou comprovado que aquilo tudo estava errado. Não se pode remar contra os movimentos de modernização da música. Tem-se que assimilar e transformar aquilo numa coisa nova. O rock contribuiu para a transformação positiva da música popular brasileira."

" Quanto a essa questão da música do RS frente ao Brasil, acho que há uma mistura de assuntos e motivos particulares. Nunca se fez uma análise crítica sobre a música que vinha tentando conquistar o Brasil e reclamava das dificuldades, mas nem aqui no RS tinha o respaldo que deveria ter. Temos que questionar se aquela música era suficientemente polular por tocar mi-



Show nº 500 na Usina do Gazômetro, em 1997.

lhões de pessoas.

Quando houve o boom contemporâneo da música gaúcha e se criaram os festivais e uma imprensa especializada, talvez naquele momento, se pudesse tentar fazer aquela música chegar ao Brasil. Para mim só o que deu certo foram Kleiton e Kledir. Maria Fumaça foi uma música que tocou em todos os lugares e podia estar em qualquer festival regional. Isso derruba a tese de que a música regional gaúcha não conseguia, como um todo, chegar ao Brasil. Na verdade, era um problema de infraestrutura de quem tentava chegar. Ao mesmo tempo, isto prova que o público estava disposto a ouvir.

Não se pode considerar Kleiton e Kledir uma exceção, mas um caminho estabelecido ao qual se deveria dar continuidade. Acho que o que não havia era uma comunicação efetiva entre os músicos do próprio Rio Grande do Sul. Não havia um movimento organicamente organizado com os pré-requisitos básicos para aquela música chegar ao Brasil. Recentemente publiquei uma matéria na Folha de São Paulo, contestando o pretenso isolamento da música gaúcha em relação ao Brasil. Pelo menos o rock está consolidado nacionalmente como uma vertente reconhecida. É um rock com muita raiz gaúcha, com um forte sotaque gaúcho e é bem aceito em todo o país, inclusive dispondo de um mercado interno que faz inveja aos grupos de outros estados, que tem entre suas metas conquistar o Rio Grande como uma parcela vital para o mercado dos seus discos."

" Não sei dizer tecnicamente o que diferencia o rock gaúcho dos demais, mas há características que o público reconhece imediatamente. Quando nós demos a guinada em direção à música regional, fomos criticados pelo Carlos Maltz, que chegou a dizer a uma revista que só faltava a gente subir ao palco de bombachas, coisa que os 'Engenheiros' acabaram fazendo depois. Aliás, os 'Engenheiros', no começo, não tinham uma boa relação com as outras bandas; graças a Deus isto está mudan-



Raul Krebs

Fotos cedidas por Tonho Meira.
Ilustração da página 3 sobre foto de Raul Krebs.

Comemorando as 500.000 cópias vendidas.

do e acho que isso era ainda um resquício da falta de organização de movimento de toda a música gaúcha. Hoje as bandas daqui são muito mais solidárias, há mais respeito e união, e isso já é uma conquista.

*Atualmente há livros sobre rock que dizem ter sido a gente os precursores da regionalização musical do rock; chegaram a dizer que o disco *Estraño* é o mais gaúcho dos discos de rock brasileiro. No entanto, eu tenho a consciência de que somos prosseguidores de uma coisa que o *'Almôndegas'* e o *'Saracura'* começaram."*

Nota: Nos anos 89/90 houve intensa polêmica entre o *'Nenhum de Nós'* e Carlos Maltz do *'Engenheiros'*; hoje isto está resolvido e gozam de boas relações.

" Houve uma época em que o resto do Brasil via o Rio Grande do Sul mais argentino do que brasileiro; hoje não é mais assim. Para mim isso foi só dificuldade de comunicação, prova está que não inviabilizou de Lupicínio a Kleiton e Kledir.

Nós, em relação à América Latina, não somos exportadores; recebemos mais influência do tango e da música andina que os outros lugares do Brasil, mas a gente mais consome do que exporta. Essas influências

*também não são uma prerrogativa nossa, porque o *'Paralamas'* já gravou com Fito Paez."*

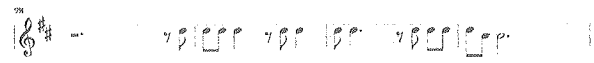
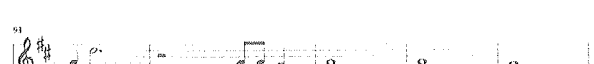
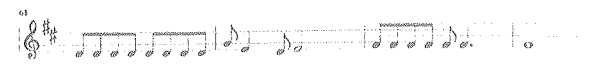
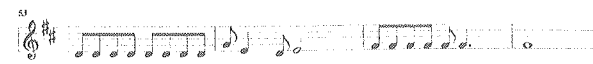
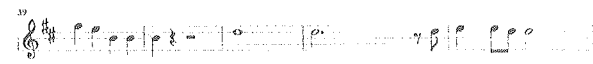
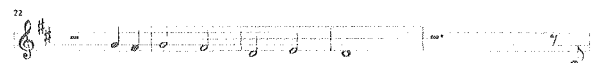
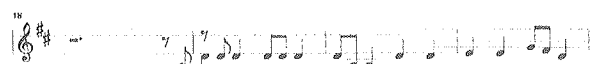
*" Acho difícil procurar uma justificativa para o nosso *'isolamento'*, porque é uma coisa que nem está comprovada se realmente existe. Acho que este é um problema interno do RS. O *'Nenhum de Nós'* pagou alto preço quando, depois de ter por dois anos consecutivos a música mais tocada no Brasil, tentou introduzir a música regional no quarto disco. A gravadora não compreendeu e foi difícil para nós. Mas isso, na época, também aconteceu com todas as bandas de rock que tinham personalidade. O *'IRA!'* e outros também pagaram por tentativas de inovação.*

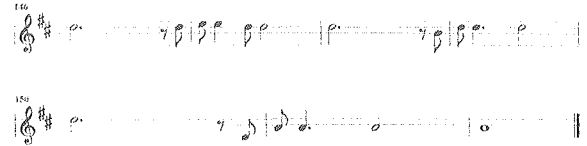
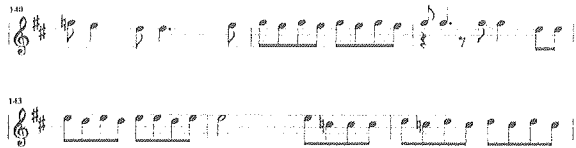
Tenho sempre a impressão de que há uma auto-comiseração dos músicos e até da imprensa do RS, de achar que nós devemos ou somos credores de alguma coisa em relação ao Brasil. Há uma espécie de paranoia em achar que somos discriminados, e eu acho isto extremamente nocivo. A melhor coisa é nos orgulharmos do que fazemos. Se as pessoas quiserem admirar isso, tanto melhor. Criamos um mercado que não existe semelhante em outros lugares. Às vezes, a coisa já se inverteu, e a gente nem se dá conta disso."



Camila, Camila

Theudy Corrêa, Carlos Stein e Sady Homrich





D9/6
 Depois da última noite de festa
Em **G6**
 Chorando e esperando amanhecer,
D9/6
 amanhecer
Em9
 As coisas aconteciam com alguma
 explicação
G6 **D9/6**
 Com alguma explicação
 Depois da última noite de chuva
Em9 **G6**
 Chorando e esperando amanhecer,
D9/6
 amanhecer
Em9
 Às vezes peço a ele que vá embora
G6 **D9/6**
 Que vá embora
C **Bm** **Am**
 Camila, Camila, Camila
G6
 Eu que tenho medo até de suas mãos
F7+
 Mas o ódio cega e você não percebe
Bm **C**
 Mas o ódio cega
G6
 E eu que tenho medo até do seu olhar
F#m7/4
 Mas o ódio cega e você não percebe
Bm
 Mas o ódio cega
C **D9/6** **Em9** **G6** **D9/6**
D9/6 **Em9**
 A lembrança do silêncio daquelas tardes
G6 **D9/6**
 daquelas tardes

A vergonha do espelho
Em9
 naquelas marcas
G6 **D9/6**
 Naquelas marcas
Em9
 Havia algo insano naqueles olhos,
G6 **D9/6**
 Olhos insanos
 Os olhos que passavam o dia a me
Em9 **G6** **D6**
 vigiar, a me vigiar
C **Bm** **Am**
 Camila, Camila, Camila,
C **Bm** **Am**
 Camila, Camila, Camila
C
 E eu que tinha apenas
 dezessete anos
Bm
 Baixava a cabeça pra tudo
Am
 Era assim que as coisas aconteciam
D/A
 Era assim que eu via tudo acontecer
C
 E eu que tinha apenas dezessete anos
Bm
 Baixava minha cabeça pra tudo
Am
 Era assim que as coisas aconteciam
D/A
 Era assim que eu via tudo acontecer
C **Bm** **Am**
 Camila, Camila, Camila,
C **Bm** **Am**
 Camila, Camila ...

Partitura: João Vicenti dos Santos
 Arranjo cifrado: Henrique Mann



A trajetória do "Papas da Língua", que pode ser lida na página seguinte, cita um momento que foi grandioso para uma platéia de cerca de mil espectadores e, certamente, é um dos mais marcantes na história destes músicos que estão juntos há cerca de dez anos. Foi aquele show de 1997, no Teatro Alvear, dentro da programação do Porto Alegre em Buenos Aires. Como já havia acontecido no ano anterior, o projeto contemplava todas as áreas artísticas e, além do "Papas", foram programados os shows de Neto Fagundes, Kako Xavier, "Tangos e Tragédias", Vitor Ramil. Noite após noite, o público portenho lotava o Teatro Alvear e aplaudia nossos artistas, mas, sisudos como só os argentinos sabem ser, parecia que nada conseguia contagiá-los. Até chegar a noite do show do "Papas"... Nos primeiros minutos, os instrumentistas já causaram um certo *frisson*, usando óculos escuros e disparando uma massa sonora para cima do público. Estava aberto o caminho para Serginho Moah, que entrou no palco com tanta vontade e cantando tanto que o público, parecendo enfeitiçado, levantou das poltronas e dançou até o final. Na saída do teatro, após o show, lembro que um senhor de idade comentou qualquer coisa sobre ter sido hipnotizado por toda aquela vibração passada pelo "Papas". Disse a ele que preferia pensar que tudo aquilo era talento e competência de quatro músicos que já tinham individualmente muitos anos de estrada e, por graça do destino, se juntaram para fazer uma boa música e conquistar um sucesso mais do que merecido.

E isso que, neste show, que arrebatou os portenhos, o "Papas" ainda nem havia lançado aquele balaio de *hits* chamado *Xá-lá-lá*. Até então, o único disco que tinha, estava (já) fora de catálogo e continua preso nas gavetas da gravadora Sony até hoje. Injustiças e regras de mercado à parte, o "Papas" deu a volta por cima, lançou *Xá-lá-lá* por um selo local e apostou no público dos estados do Sul. Sem se prender a um único estilo, apesar de, nos primeiros anos, sua música ter sido classificada como reggae, valeu-se de todos os ritmos pop para conquistar os "jovens de todas as idades". Já viraram ídolos, mas nunca perderam o jeito simples e camarada e muito menos o objetivo traçado ao longo de todos estes anos de estrada: ser pop, mas com qualidade e com alguma coisa para dizer. O novo século começou com o disco *Baby Bum*, lançado por uma gravadora nacional mais voltado para o mercado do centro do país. E nós, daqui deste estado tão meridional, torcemos para que cariocas, mineiros, paulistas, baianos, goianos - e quem mais for - gostem tanto dos "Papas" quanto a gente. Não sem uma pontinha de ciúme, por que isso significa que eles estarão menos tempo por aqui...

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Papas da Língua

1992 - Depois de muita estrada individual, quatro bons músicos reúnem-se para formar uma banda. Por iniciativa de Léo Henkin, juntam-se Zé Natálio, Serginho Moah e Fernando Pezão; adotam o inusitado nome de "Goodbye Bambies" e vão direto para o estúdio de gravação. Do material aí produzido, a canção *Democracy*, em demo-tape, passa a tocar nas FMs e vira vídeo-clip.

1993 - De posse do material da banda, o produtor Tonho Meira sensibiliza a Sony Music. A gravadora demonstra interesse e pede uma audição ao vivo. A 12 de dezembro, no Teatro Bar Porto de Elis (Porto Alegre), o "Goodbye Bambies" toca para uma pequena e selecionada platéia, nela incluída o diretor artístico da Sony, Jorge Davidson. Contrato confirmado.

1994 - Em maio, entram no Estúdio Mega (RJ)

para gravar o primeiro disco (naquele tempo, lançava-se em LP, CD e K-7).

Já no Rio, a gravadora questiona o nome inusitado da banda. Por um curto período assumiram o nome "Carecas da Jamaica", numa homenagem à música de Nei Lisboa. Apesar de ter chegado à imprensa, este nome acabou sendo substituído por "Papas da Língua", definitivamente.

1995 - Lançado o disco homônimo, segue-se extensa agenda de shows pelo estado. A música *Encontros Amargos* (Léo Henkin) entra na trilha da novela *Cara e Coroa* (da TV Globo). Apresentam-se junto com a banda mineira "Skank", em show ao ar livre, ao lado da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Em setembro, rescindem o contrato com a Sony. Seguem realizando shows vinculados ao disco.

1996 - Participam da primeira edição do Planeta Atlântida (litoral do RS) com boa repercussão. A partir de março, Ilton Carangacci assume a produção da banda.



Juliana Moraes

Show no Anfiteatro Pôr-do-sol



Detalhe do encarte do primeiro CD.

Em junho, participam do Festival Sud a Sul, em Sanary (França). Em outubro, apresentam-se no Teatro La Gaviota, em Montevideo, em show memorável, com casa cheia e boa repercussão na imprensa. Prosseguem com intensa agenda em todo o RS e Santa Catarina.

No Prêmio Açorianos de Música, arrebata as categorias de Melhor Grupo e Melhor Cantor.

1997 - Em março, apresentam-se no Projeto Porto Alegre Buenos Aires, na capital argentina. O sucesso da apresentação foi testemunhado pelo público (que superlotava o Teatro Presidente Alvear) e pela imprensa brasileira que dedicou várias páginas ao show.

1998 - O jingle da campanha publicitária da Calçados Via Marte, produzido pela Jinga e interpretado por Serginho Moah, emplaca nas rádios.

A banda, depois de comprovar o sucesso da música em seus shows, a inclui no CD *Xa-la-lá*, lançado pelo Selo Antídoto/ACIT. Deste mesmo CD, as músicas *Blusinha Branca* (Léo Henkin) e *Viajar* (Serginho Moah e Evandro Garcia) fazem grande sucesso.

Em junho, apresentam-se no Brahma Bière Festival, em Sanary, durante a Copa do Mundo, desta vez ao lado de grandes nomes da MPB, como Gilberto Gil, "Paralamas do Sucesso" e "O Rappa", entre outros.

1999 - A banda cai definitivamente no gosto da juventude gaúcha. Roda bem, em rádio, todas as faixas do CD *Xa-la-lá* e, só naquele ano, o disco vende mais

de 30 mil exemplares, vencendo o Prêmio Açorianos na Categoria Disco Pop-Rock.

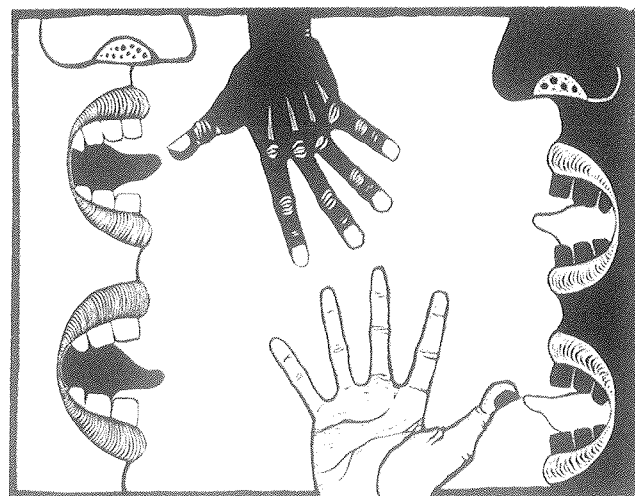
Realiza mais de 120 shows, entre RS, SC, Paraná e São Paulo. A música *Viajar*, adaptada para a campanha publicitária do Shopping Iguatemi, torna-se um grande sucesso popular, depois de ter emplacado nas rádios. Vários intérpretes nacionais gravam canções de Léo Henkin (ver box individual).

2000 - No verão, toca no Planeta Atlântida, edição Santa Catarina. Em junho, apresentam-se em Viena (Áustria), ao lado de outros grupos gaúchos, na Mostra 500 Anos do Brasil em Viena, reprisando o show no retorno a Porto Alegre, no Anfiteatro Pôr-do-Sol.

Em dezembro, lança pela Antídoto/Abril Music, no Teatro-bar Opinião (POA), o CD *Baby-Bum*. A temporada do *Xa-la-lá* foi concluída com, aproximadamente, 200 shows. O novo show estréia superlotando a casa e segue extensa agenda.

2001 - Em fevereiro, apresenta-se no Planeta Atlântida (litoral gaúcho), destacando-se entre atrações locais e nacionais.

O "Papas da Língua" está consolidado nos estados do Sul e buscam espaço nacional.



Papas da Língua.

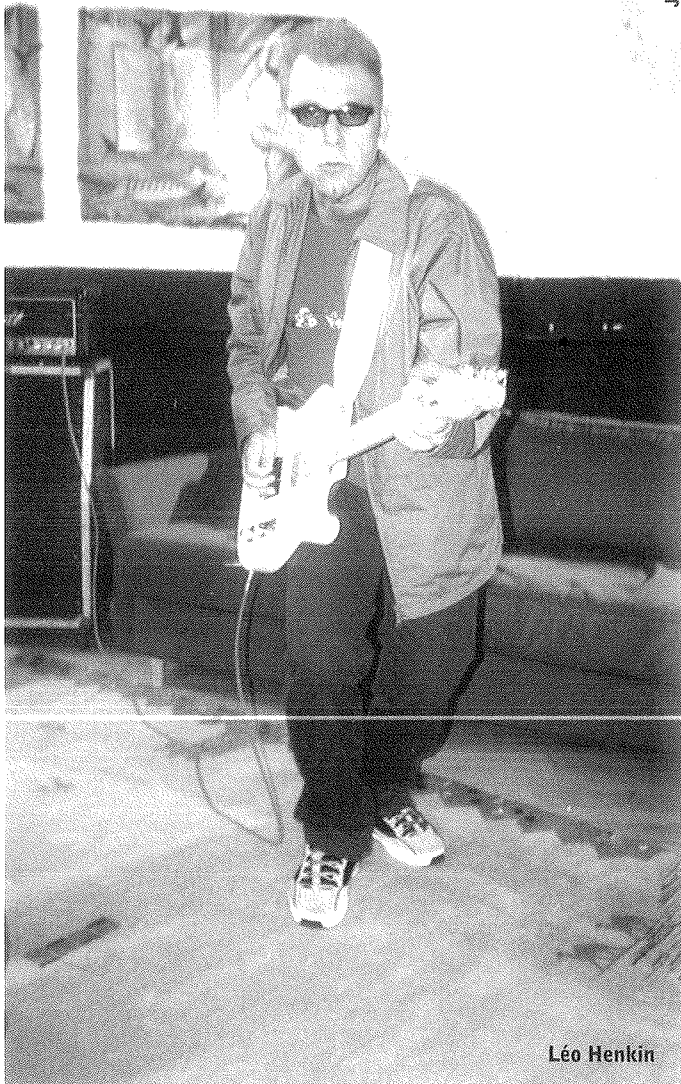
Capa do primeiro CD

Léo Henkin

Nasceu em Porto Alegre, a 06 de janeiro de 1961, filho de Bertha e Henrique Henkin. Teve uma infância conturbada. Aos seis anos, mudou-se para Brasília, em



Juliana Moraes



Léo Henkin

razão da eleição do pai a Deputado Federal. Três anos depois, o pai seria cassado pela ditadura militar. Em grande aflição, Leo rezava muito por sua libertação. Este evento trouxe a família de volta a POA, onde conclui os estudos secundários. Já gostava dos "Beatles" e da Jovem Guarda.

Aos doze anos, começa a estudar violão para "ganhar as gatinhas". Em 1978, é aprovado no vestibular para Agronomia, que abandonaria em 1982 e, em 1979, cursa Letras, concluindo em 1988. Em 1981, funda com o irmão e amigos a banda "Dzáhgury" que duraria mais de dois anos.

Em 1982, é convidado para substituir o famoso guitarrista Zé Flávio na banda "Saracura". Foi uma grande responsabilidade que contribuiu muito na profissionalização de Léo em música. Foi nessa ocasião que

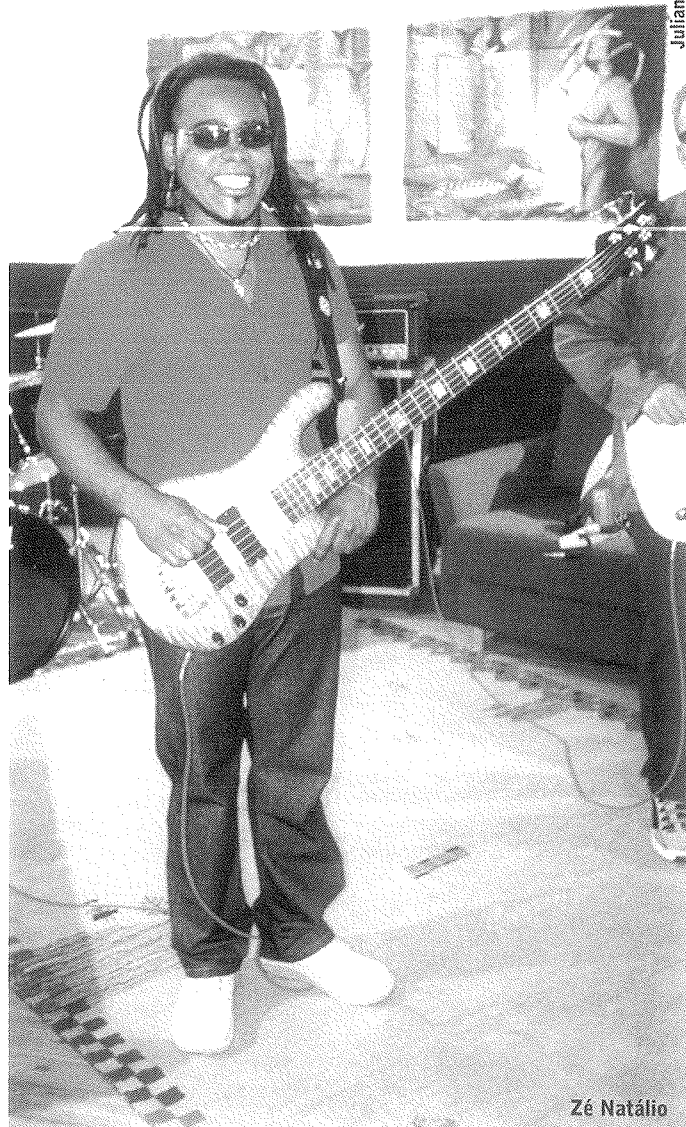
resolveu abandonar a Faculdade de Agronomia, depois de ter estudado até mesmo inseminação artificial de bovinos.

Em 1985, depois de atuar junto com vários artistas, é convidado a integrar a emblemática banda "Os Eles", com a qual ficaria dois anos.

Em 1988, começa a desenvolver música para cinema, coisa que faz até hoje, e que já lhe rendeu o "Kikito" de Melhor Trilha Sonora Nacional no Festival de Cinema de Gramado, pelo filme "Essa não é sua Vida", de Jorge Furtado, em 1990.

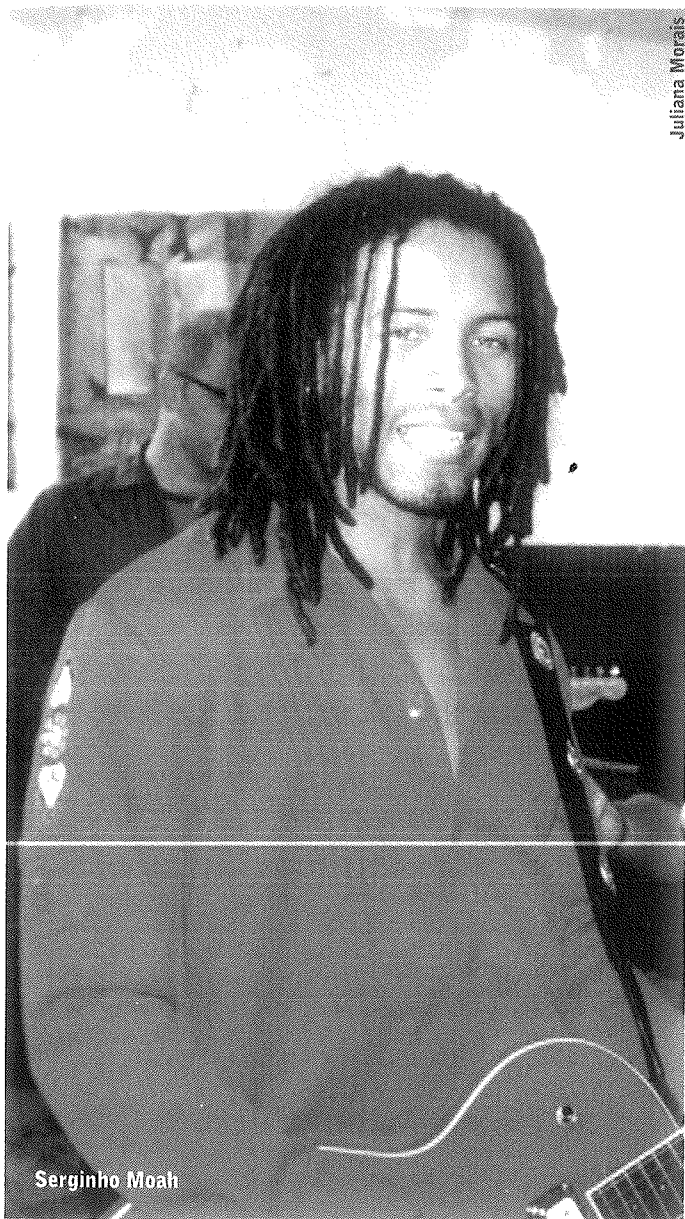
Em 1993, funda a banda "Papas da Língua". Além de produtor de mão cheia, torna-se um compositor nacionalmente reconhecido, com músicas gravadas por Pedro Mariano, Netinho, Rosana, "Asa de Águia", Patrícia

Juliana Moraes



Zé Natálio

Juliana Moraes



Serginho Moah

Adriana Calcanhotto, Nelson Coelho de Castro, Totonho Villeroy e Nei Lisboa, entre outros.

Integrou a banda "Preto Brás" em São Paulo, com Itamar Assumpção, Chags e Gigante Brasil. Sua grande capacidade como instrumentista já foi reconhecida com o Prêmio Açorianos, além de várias indicações. É também compositor de músicas do repertório do "Papas da Língua", "Motivos Óbvios" e "Vitória Soul", entre outros.

Serginho Moah

Sérgio Moacir Garcia do Nascimento

Naceu em Porto Alegre, a 18 de dezembro de 1964,



Fernando Pezão

Coelho, além de ser responsável pela maioria das composições do "Papas".

Zé Natálio - José Natálio Dorneles da Silva

Nasceu em Porto Alegre, a 21 de agosto de 1967, filho de Almir Terra da Silva e Corália Dorneles da Silva.

Estudou música na Escola da OSPA e, em 1982, começou a trabalhar no Banco do Brasil com o firme propósito de arranjar dinheiro para comprar um baixo.

Tornou-se um dos maiores baixistas de sua geração, atuando junto de artistas das mais variadas origens: Neto e Ernesto Fagundes, Glória Oliveira, Fugueti Luz,



Fotos cedidas pela produção do Papas da Língua.

mas foi criado em Uruguaiana, cidade que considera sua terra natal. Lá, desde criança, era puxador das escolas de samba locais. Na adolescência chegou a ser locutor de rádio, enquanto, de dia, era *office-boy* de um cartório.

A família de Serginho sempre foi muito musical. A mãe, Circe Maria cantava muito bem, e o pai, Hugo Roberto Garcia, foi um músico profissional que acompanhou Nelson Ned e trabalhou na Argentina com Jimi Pippiolo (de quem ganhou um violão autografado, no qual Serginho viria a estudar aos nove anos de idade). Estrearia como cantor na noite de Uruguaiana aos vinte anos.

Aos 24 anos, a oportunidade de cantar em casamentos, em Porto Alegre, mudaria sua vida. Resolveu ficar e encarar a noite da capital, onde conheceu Léo Henkin, que o convidou para gravar jingles. Serginho destacou-se imediatamente, tornando-se um dos mais requisitados cantores na área publicitária e da noite de Porto Alegre.

Logo surgiria o "Papas da Língua" e, com ele, o sucesso. Hoje fica muito emocionado com as fãs adolescentes que choram e gritam histéricas em suas apresentações.

O rapaz humilde que começou em Uruguaiana é hoje o mais destacado cantor do estado, tendo sido premiado várias vezes com o Prêmio Açorianos de Música e, como compositor, é autor de vários sucessos como *Viajar* (parceria com o irmão Evandro), *Vou Ligar* (com Léo Henkin), *Eu Sei* (com Fernando Pezão), *Mary Jane* (com Zé Natálio e Henkin) e *Pó de Pimenta* (com Léo Henkin).

Fernando Pezão - Fernando Janczura

Fernando Pezão tem extensa biografia na música contemporânea do Rio Grande do Sul.

Aos nove anos de idade, começou a estudar piano, logo trocado pela bateria. Participou de diversas bandas de rock até chegar aos legendários "Almôndegas" e "Musical Saracura". É um instrumentista dos mais reconhecidos e atua também como produtor e compositor.

Não gosta muito de falar de si mesmo, mas, lendo estes fascículos, encontrar-se-á seu nome em vários momentos importantes da história de nossa música.



Blusinha Branca

Léo Henkin

De blusinha branca de blusinha branca
 Sentada no muro de blusinha branca meu amor namora
 De blusinha branca de blusinha branca
 Sentada no muro de blusinha branca meu amor namora
 O amor não tem hora
 O amor pode ser que não seja agora
 O amor pode ser uma decepção quando bate à porta
 Meu amor não me deixa dormir
 Meu amor não me deixa fingir
 Meu amor se esconde
 Só deus sabe onde é que ele mora
 Meu amor se esconde

Só deus sabe onde é que ele mora
 De blusinha branca de blusinha branca
 Sentada no muro de blusinha branca meu amor namora
 Quando a chuva começa
 Ela não se apressa ela não vai embora
 Deixa a chuva saber que o seu corpo molhado me desespera
 Por debaixo da blusa é que está toda felicidade que há
 O que está escondido em sua blusa branca me faz suspirar
 O que está escondido em sua blusa branca me faz suspirar
 De blusinha branca de blusinha branca
 Sentada no muro de blusinha branca meu amor namora...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tambo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

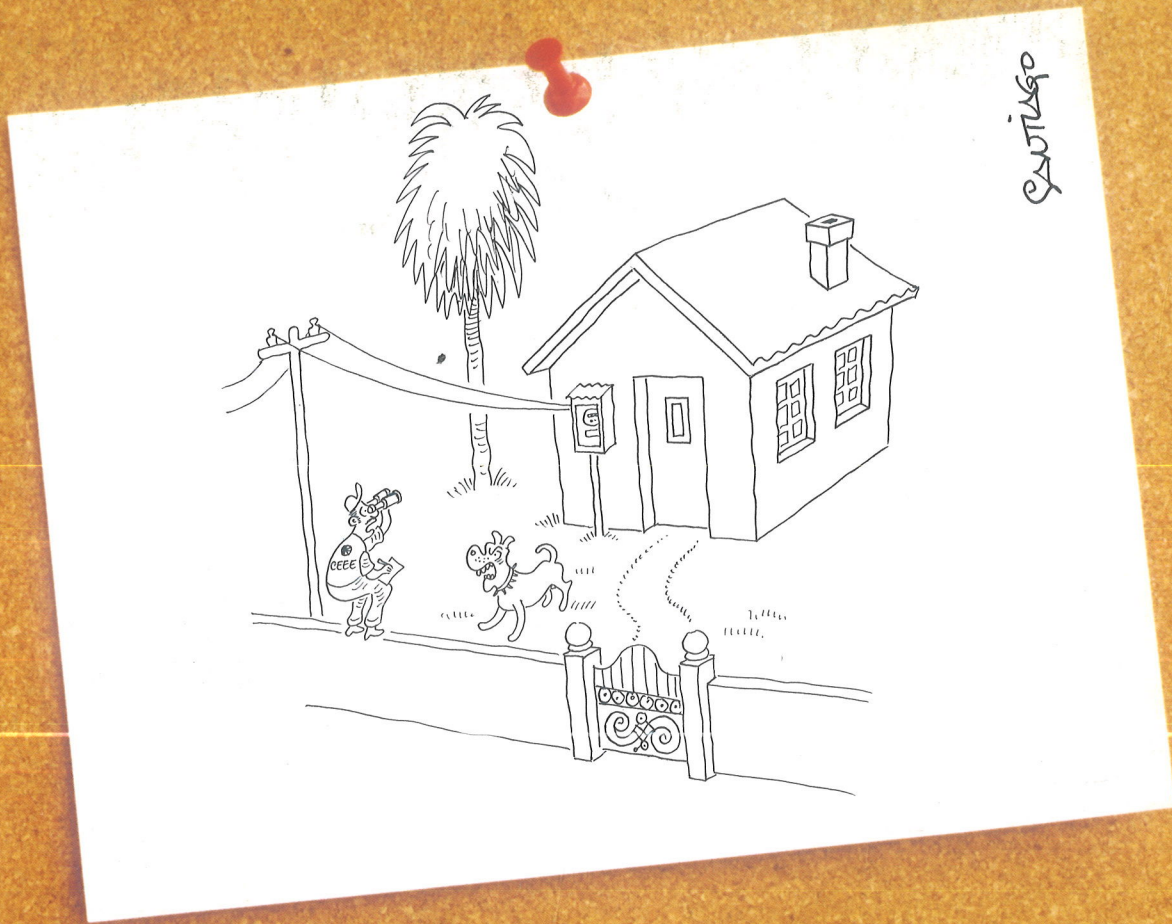
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura